

Cultura do cancelamento: uma análise de Karol Conká no BBB 21

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i22.51090>

Mariana Rufino¹

Rosemary Segurado²

Resumo: Partindo de um estudo de caso da repercussão gerada a partir da participação da rapper Karol Conká na vigésima primeira edição do programa Big Brother Brasil, este trabalho investiga a cultura do cancelamento a partir de mecanismos de controle e vigilância à luz da teoria foucaultiana em diálogo com Zuboff. Realiza-se uma breve revisão bibliográfica que traz conceitos que permeiam a ideia de cancelamento. No segundo momento, discute-se reality shows e por fim, debruça-se sobre o caso de Conká durante e após o programa. O presente estudo abordará o debate da vigilância nas redes digitais, além da investigação sobre os impactos da cultura do cancelamento para o campo democrático.

Palavras-chave: redes sociais; Big Brother Brasil; Karol Conká.

Cultura de la cancelación: un análisis de Karol Conká en el BBB 21

Resumen: A partir del estudio de caso de la repercusión generada por la participación de la rapera Karol Conká en la vigésima primera edición del programa Big Brother Brasil, este trabajo investiga la cultura de la cancelación con base en los mecanismos de control y vigilancia a partir de la teoría foucaultiana en diálogo con Zuboff. Se realiza una revisión bibliográfica que trae conceptos acerca de la idea de cancelación. En el segundo momento, se discute los reality shows, llegando, por fin, al caso de Conká durante el programa. El presente estudio abordará el debate de la vigilancia en las redes sociales, además de la investigación acerca de los impactos de la cultura de la cancelación para el campo democrático.

Palabras claves: redes sociales; Big Brother Brasil; Karol Conká.

Cancel culture: an analysis of Karol Conká at BBB 21

Abstract: Based on a case study of repercussion generated from the participation of rapper Karol Conká in the twenty-first edition of the Big Brother Brasil TV program, this paper investigates the cancel culture from the perspective of control and surveillance devices in the light of Foucault's theory in dialogue with Zuboff. A brief bibliographical review is carried out, bringing concepts that permeate the idea of cancellation. In a second moment, reality shows are discussed and, finally, there is an elaboration on the case of Conká, analysing it during and after the TV program. This article will

¹ Mariana Rufino. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: mari.rufino@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-7712-4242>

² Rosemary Segurado. Pós-doutora em Comunicação Política pela Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Professora do PPG em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Email: roseseg@uol.com.br - <https://orcid.org/0000-0002-3910-4603>

Recebido em 04/08/2021, aceito para publicação em 25/01/2022, disponibilizado online em 01/03/2022.

address the debate on surveillance in digital networks, in addition to researching the impacts of the cancel culture on the democratic field.

Keywords: social media; Big Brother Brasil; Karol Conká.

Cultura do cancelamento: uma análise de Karol Conká no BBB 21

*"Mano, crer que o ódio é a solução
É ser sommelier de anzol"
"O olhar está alerta em toda parte..."*
Michel Foucault³

"O meu cancelamento é com K"
Karol Conká⁴

Karol Conká, um dos grandes nomes do rap brasileiro, tem uma carreira artística de pouco mais de 20 anos. Além de compositora e cantora, Karol já participou de filmes e programas de TV como atriz e apresentadora, nos quais levantava com frequência a bandeira de lutas sociais, principalmente sobre o combate ao racismo e machismo. Na 21ª edição do *Big Brother Brasil*, Karol foi uma das confinadas e em função do seu comportamento no reality, o tribunal instaurado nas redes sociais a colocou na lista de pessoas canceladas na internet.

Diante da sua eliminação do *BBB*, a rapper fez um pedido de desculpas durante o programa *Mais Você*⁵, após ter sido alvo de diversas críticas e até mesmo de ataques de pessoas que, assim como a cantora, estão situadas no campo progressista.

Figura 1 - Tweet do programa *Mais Você*.



Fonte: Twitter

³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997. p.162.

⁴ Fala de Karol Conká durante sua participação no *Big Brother Brasil* 21.

⁵ MAIS VOCÊ. Twitter post. 24 fev. 2021.

Disponível em:
<https://twitter.com/MaisVoce/status/1364573754228146184>

Durante alguns dias, internautas dividiram-se entre os que defendiam o cancelamento da rapper e os que eram contrários a tal condenação. No entanto, enfatiza-se aqui a importância da discussão sobre a prática do cancelamento em si.

Longe de almejar uma resposta sobre a validade do fenômeno do cancelamento, o objetivo deste trabalho consiste em relacioná-lo com mecanismos de controle e vigilância à luz da teoria foucaultiana em diálogo com Zuboff⁶, que aborda a vigilância nas redes digitais, além de investigar sobre os impactos de tal processo para o campo democrático.

Em 2019, o *Dicionário Macquarie*⁷, projeto que seleciona anualmente as palavras e expressões que mais têm moldado o comportamento humano, elegeu a

⁶ Segundo ZUBOFF (2018), o monitoramento contínuo é a norma. O surgimento de uma nova arquitetura universal, batizada pela autora de *Big Other*, configura-se como "um ubíquo regime institucional em rede que registra, modifica e mercantiliza a experiência cotidiana, desde o uso de um eletrodoméstico até seus próprios corpos, da comunicação ao pensamento, tudo com vista a estabelecer novos caminhos para a monetização e o lucro" (2018, p. 43 e 44).

⁷ WORD of the Year. 2019. Disponível em: <https://www.macquariedictionary.com.au/resources/view/word/of/the/year/>. Acesso em: 16 out. 2020.

"cultura do cancelamento" como o termo do ano. Escolhido por um comitê de linguistas, especialistas e teóricos selecionados pela instituição, encabeçando uma lista composta por quatro expressões que também é submetida à votação do público, o termo escolhido é descrito como:

the attitudes within a community which call for or bring about the withdrawal of support from a public figure such as cancellation of an action role, a ban on playing an artist's music, removal from social media, etc. Usually in response to an accusation of a socially unacceptable action or comment.⁸ (AUSTRALIAN MACQUARIE DICTIONARY, 2019)

Tal fenômeno pode ser entendido, então, como um movimento de boicote a empresas, artistas, marcas, eventos, personalidades famosas ou não, que sofrem retaliação de um grupo de pessoas por algo que tenha dito ou feito dentro ou fora do ambiente

⁸ As atitudes dentro de uma comunidade que exigem ou provocam a retirada de apoio de uma figura pública, como o cancelamento de um papel de ação, proibição de tocar a música de um artista, remoção das redes sociais, etc., geralmente em resposta a uma acusação de uma ação ou comentário socialmente inaceitável. (tradução nossa)

virtual. Segundo Victoria Morgan⁹, editora sênior do Dicionário Macquarie, "de certa forma, é uma tentativa de eliminá-los, como punição". O fenômeno pode ser visto também como uma radicalização e evolução da chamada "prática da lacração", compreendida como a enunciação enfática e definitiva que objetiva silenciar o outro.

Entende-se que a intenção de tal prática está relacionada à demarcação de limites e responsabilização das pessoas e empresas por algo que fizeram. Em entrevista¹⁰ concedida ao programa *Roda Viva* em 27 de julho de 2020, o rapper brasileiro Emicida comentou que tal movimento é fruto de uma recente possibilidade, provocada principalmente com as redes sociais, dos grupos minoritários poderem questionar e responsabilizar pessoas ou empresas por algo dito ou realizado. Entende-se o cancelamento, portanto, como um movimento de ruptura com uma estrutura de poder

⁹ Em entrevista cedida ao *The Sydney Morning Herald* em 02/12/2019.

¹⁰ *RODA Viva* | Emicida | 27/07/2020. [S. l.: s. n.], [2020]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pDV3SGzV3m4&ab_channel=RodaViva. Acesso em: 16 out. 2020.

consolidada para fazer uma denúncia que não seria ouvida de outra forma. Há autores que defendem a cultura do cancelamento como forma de cessar com a estrutura de poder que protege pessoas privilegiadas na sociedade (CHIARI *et alli*, 2020). Há, porém, o debate sobre a tênue linha entre a responsabilização e a aniquilação de um indivíduo.

Interessante pensar também no termo "cultura do cancelamento" sob o ponto de vista semântico. O psicanalista brasileiro Christian Dunker, em matéria escrita na *Gama Revista*, fala sobre o sentido dessa expressão em que:

Cancelar é um verbo usado para suspensão de um serviço, curso ou dispositivo. Isso sugere que estamos diante não só da supressão da fala do outro, mas da redução dele a uma coisa ou objeto. Cancelo a assinatura de um jornal, de uma matrícula na academia, da participação em um show. Quando desenvolvemos um gosto todo especial por dizer "não preciso de você", "te dispensei pessoalmente", como a um serviço de entregas, que eu presumo precisar de mim como se precisa de um cliente, transportamos para nossa conversa política e ética regras do universo do consumo e da produção. (DUNKER, 2020, s/p)

Vale ressaltar que quando se

fala da suspensão de produtos e serviços, entende-se como prática comum na cultura do comportamento do consumidor. É habitual um consumidor cancelar. Mas o que tem ganhado cada vez mais visibilidade é o cancelamento por parte de cidadãos.

É válido refletir se a redução de um indivíduo a uma coisa ou objeto, como aponta Dunker (2020), já não é por si só uma prática que transcende o questionamento e entra no campo da punição e aniquilação do outro.

A seleção da "cultura do cancelamento" como expressão do ano em 2019 deu-se em detrimento da popularização de tal prática nas redes sociais, bem como o entendimento da sua potência em termos de impacto de sua ação. O seu efeito é tão massivo que os indivíduos cancelados são, em geral, forçados a se desculpar para evitar que suas carreiras ou imagem sejam ainda mais prejudicadas, como mencionado com a cantora Karol Conká. Essa prática ganhou mais notoriedade nas redes sociais, mas é importante ressaltar que, diferentemente do que alguns apontam, não é uma prática nova. No entanto, a vigilância praticada nas

redes sociais impulsionou uma mudança de comportamento por parte dos usuários.

É comum encontrar quem diga que a cultura do cancelamento nasce com o #MeToo¹¹, em 2017. Mas, ao entender esse movimento como uma espécie de boicote, a prática do cancelamento, como Dunker aponta, é "herdeira do muro que eu ergo para tornar invisível aquele que é muito diferente de mim. Esse muro é histórico e precedeu muito a chegada da linguagem digital." (DUNKER, 2020, s/p.).

Por décadas, após um escritor(a) ou pesquisador(a) redigir e publicar um texto, era possível ao leitor enviar ao(à) autor(a) as opiniões com as quais ele se alinhava, além de poder dizer se discordava ou não do que havia sido exposto. O circuito da chamada opinião pública funcionou por

¹¹ A hashtag foi utilizada mundialmente nas redes sociais para expor relatos de assédio sexual, em especial os praticados por homens que atuam dentro da indústria do entretenimento ou cinema. Tal movimento provocou demissões de atores e diretores de filmes, prisões de abusadores etc. Pode-se pensar na contribuição do movimento #PrimeiroAssédio para o debate sobre as discussões de assédio sexual nas esferas públicas dentro das redes sociais e a exposição daqueles que cometerem abuso, assédio e violência.

anos desta forma. Vale lembrar também do que o cineasta Cacá Diegues denominou como *patrulha ideológica*¹² em 1978. Hoje, de fato, o *clicktivismo*¹³ tornou esse *feedback* muito mais rápido.

A pesquisadora Anna Vitória Rocha, que usa o #MeToo e o #PrimeiroAssédio para debater o papel das mídias sociais nas discussões de assédio sexual nas esferas públicas, afirma, em entrevista¹⁴ concedida à jornalista Taís Ilheu, que o termo "cultura do cancelamento" pode até ter se consolidado em 2017 com as ações

organizadas nas redes sociais pelos movimentos feministas, mas o ideal seria considerar a soma de diversos fatores e movimentos anteriores que viabilizaram uma atmosfera favorável aos cancelamentos virtuais.

Como Sibilía (2008) aponta, a necessidade de aprovação do outro não é recente. Há, de fato, diferenças históricas no valor quantitativo e qualitativo que se dá a essa necessidade. Segundo a antropóloga, as transformações que vêm ocorrendo em nossa sociedade enfatizam cada vez mais o que se vê e aponta, ainda que a sociedade hiperconectada esteja mostrando muito, ao mesmo tempo em que as pessoas estão muito dispostas a saber do outro. Aliado a isso, há hoje dispositivos e plataformas que facilitam essa troca e essa mediação de exibição e monitoração. Ou seja, o cancelamento como uma prática não é recente, mas a alta exposição das pessoas nas redes sociais e a facilidade de avaliar o comportamento do outro traz especificidades, em termos de forma e velocidade de propagação, para o que se tem chamado de "cultura do cancelamento".

¹² A polêmica em torno das patrulhas ideológicas surgiu em 1978, durante o lançamento de *Chuvvas de Verão* (1977), de Carlos Diegues, quando o cineasta concedeu uma entrevista a Pola Vartuck, do jornal O Estado de São Paulo (DIEGUES, 1978). Durante a conversa, o diretor apresentou-se como defensor da liberdade de criação artística, enquanto a esquerda radical tentaria impor com seu partidarismo uma censura tão nefasta quanto a do regime militar. Diegues definia a patrulha como uma "polícia ideológica" encarregada de vigiar a produção dos artistas e de submeter a arte aos imperativos políticos. Em pouco tempo, a terminologia foi incorporada pelo meio ambiente cultural da esquerda e os artistas passaram a declarar-se patrulhados tanto pela esquerda quanto pela direita. (ADAMATTI, 2016, p.1).

¹³ COLLAGUAZO-NARVÁEZ, Flor. ¿Qué tipo de activismo se realiza en la red social Facebook?. 2017.

¹⁴ Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/redacao/tema-de-redacao-como-funciona-a-cultura-do-cancelamento/> Acesso em: 03 jun. 2021

É necessário distinguir o cancelamento, prática muitas vezes utilizada dentro do campo progressista, do processo de destruição de reputações realizado por grupos de direita. Se, por um lado, a cultura do cancelamento é, por vezes, praticada com a intenção de responsabilizar os indivíduos pelo o que fazem e falam nas redes sociais, por outro, o boicote a empresas ou pessoas promovido por grupos de direita¹⁵ é embasado por mentiras, atribuições falsas,¹⁶ atitudes ou falas nunca antes ditas ou descontextualizadas. É necessário haver atenção para essa falsa simetria.

Escrevendo ao *The New York Times*¹⁷, Loretta Ross, acadêmica,

¹⁵ Tal prática muitas vezes é robotizada. Há, por exemplo, estrutura tecnológica por trás do que ficou conhecido como *Gabinete do Ódio*, diferentemente do que acontece em casos como o de Karol Conká, em que o cancelamento é realizado por pessoas reais. MELLO, Patrícia Campos. Por que os brasileiros deveriam ter medo do gabinete do ódio. *NY Times*, [S. l.], s/p, 4 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2020/08/04/opinion/international-world/bolsonaro-gabinete-do-odio.html>. Acesso em: 15 mai. 2021

¹⁶ Interessante verificar o relato realizado pela jornalista Patrícia Campos Mello sobre fake news e violência digital em seu livro *A Máquina do Ódio* (2020).

¹⁷ ROSS, Loretta. *I'm a Black Feminist. I Think Call-Out Culture Is Toxic*. *The New York*

feminista e ativista afro-americana que defende a justiça reprodutiva, argumenta que o cancelamento deveria ser utilizado para atingir quem ataca grupos minoritários e para personalidades que não poderiam ser afetadas de outra maneira que não por meio desse movimento de massa. No entanto, aponta que a grande parte dos "cancelados" está dentro do campo progressista. Ou seja: os boicotes são realizados de forma horizontal, isto é, dirigido aos pares e praticado por quem acredita ser mais íntegro do que o outro em determinado assunto. Tornamo-nos o que Ross (2019) chama de "guardiões da pureza política" e a necessidade de sinalizar tal virtude e vigiar e controlar o outro foram comportamentos facilitados pelas mídias digitais. A internet foi transformada em um grande tribunal que funciona de maneira ininterrupta e conta com muitos usuários trabalhando arduamente para realizar uma supervisão cuja finalidade é o julgamento e não apenas a crítica.

Times, [S. l.], p. 01, 17 ago. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/08/17/opinion/sunday/cancel-culture-call-out.html>. Acesso em: 16 out. 2020.

O conceito de panóptico, atribuído ao jurista Jeremy Bentham, foi concebido em 1787 como um projeto arquitetônico cujo objetivo era a instauração de um ambiente onde caberia a um inspetor central onisciente a supervisão contínua dos indivíduos ao seu redor. Para Bentham, o grande ganho deste projeto seria o advento de uma sensação de constante vigília. Sendo assim, enquanto estivessem nos papéis de prisioneiros, estudantes, operários ou cidadãos, os indivíduos estariam sempre atentos a condicionar seu comportamento em virtude dessa supervisão. Os indivíduos, quando sabem que estão sob o olhar de vigilância, adequam-se às normas estabelecidas dentro desse espaço-tempo. Tal conceito gerou grande influência sobre o trabalho de Foucault, que apontou como a constante vigília sobre os indivíduos moldaria os seus comportamentos. Essa visibilidade, que consistiu em benefício visto por Bentham, seria entendida como uma armadilha para os indivíduos de uma sociedade (FOUCAULT, 1975). É interessante analisar a leitura que Zuboff (2018) faz desse fenômeno: segundo a socióloga,

o poder centralizado resumido no panóptico é prosaico em relação a essa nova arquitetura, já que:

A conformidade antecipada que ele induzia exigia a produção de comportamentos específicos em quem estivesse dentro do panóptico, mas esse comportamento poderia ser deixado de lado uma vez que a pessoa abandonasse esse lugar físico. No Big Other, "não há lugar para estar onde o outro também não está" (ZUBOFF, 2018, p. 44).

No cenário atual temos a tecnologia digital e a internet cada vez mais nucleares na vida social ao mesmo tempo que nossos dados se tornaram combustíveis políticos e econômicos.¹⁸ Dessa forma, o panóptico de Bentham mostra-se completamente presente ao redor da sociedade hiperconectada.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, um destacado analista da sociedade do hiperconsumismo e crítico do "inferno do igual", define transparência como "coação sistêmica que se apodera de todos os fatos

¹⁸ Vide os escândalos despertados pelos casos Snowden, em 2013, e o Cambridge Analytica, em 2018, como bem aponta o filme *Privacidade Hackeada (Jehane Noujaim, Karim Amer, 2019)*, em que se observa a denúncia à vigilância e à manipulação política feitas por meio dos dados dos usuários conectados.

sociais e os submete a uma transformação profunda¹⁹. O pensador aponta que há na atualidade uma exigência onipresente de transparência, sobretudo atrelada ao discurso público sobre a liberdade de informação.

Segundo Han, a sociedade da transparência é o "inferno do igual"²⁰ em que se extingue hiatos entre o eu e o outro. Não há, portanto, um desconhecimento do outro, já que há uma homogeneização dos comportamentos pela necessidade de transparência e que as coisas se despojam de sua singularidade²¹. O filósofo defende ainda que as redes sociais exercem papel fundamental na homogeneização da sociedade visto que, por meio das conexões por elas estabelecidas, os usuários se cercam do reflexo de si – as chamadas bolhas digitais – ao mesmo tempo em que se tornam intolerantes em relação àqueles que lhes contestam ou desagradam. Não se pode negligenciar a função das gestões dos algoritmos por empresas como o

Facebook na constituição das chamadas bolhas da internet. Criadas a partir de padrões de consumo, pesquisas e atividades dos internautas na rede, as empresas direcionam por meio de algoritmos os conteúdos a serem por elas disponibilizados e discutidos, reduzindo de forma drástica as possibilidades da reunião de ideias com perspectivas efetivamente diferentes. Por essa razão, inclusive, quando alguém é "cancelado", tem-se a falsa impressão de que todos estão se posicionando sobre tal atitude, concordando ou não com seu cancelamento. Quem não se posiciona ou opina parece, por instantes, não fazer parte da bolha temática.

Há também nas redes sociais o acordo de vigilância constante fruto das operações dos algoritmos. Para Han, a vigilância que recebemos não se realiza como ataque à liberdade. É, antes, voluntariamente que cada um se entrega ao olhar panóptico, no qual todos estão de acordo²². Han (2014) e Keen (2012) trabalham a ideia de hipervisibilidade e problematizam a necessidade que os indivíduos têm de se expor nas redes. Para Keen (2012),

¹⁹ HAN, 2014, p. 12

²⁰ Ibidem, p. 2.

²¹ Ibidem, p. 12.

²² HAN, 2014, p.72

cada usuário torna-se “seu próprio objeto de publicidade” e “tudo se mede em seu valor de exposição”²³. Tal medida é calculada em conectividade, ou seja, quanto maior o número de seguidores e “curtidas”, mais valorizada é a sua identidade. Por essa razão, pode-se notar uma associação direta entre o grau de engajamento dos usuários para “cancelar” alguém e o nível de exposição dessa pessoa nas redes sociais. O medo de ser cancelado será também proporcional ao reconhecimento que se alcançou.

Han (2014) defende que o conceito do panóptico de Bentham sofre alterações nas redes sociais já que a vigilância mútua é um pressuposto e o controle é recíproco no “panóptico digital”. Ao mesmo tempo em que se expõe, vigia-se.

Na Era da Informação, como lembra Manuel Castells em sua obra “A Sociedade em Rede”, a profusão dessas novas tecnologias no âmbito das relações sociais reconfigurou a dinâmica cultural e a ação dos sujeitos na sociedade moderna. Assim, a própria dinâmica do poder foi sendo reorganizada em torno de uma sobreposição de dispositivos de controle e punição que impregnaram a cultura e os

indivíduos modernos de um forte caráter vigilante e participativo (BARRETO; RIOS, 2012, p. 2).

Em seu artigo *Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle*, Deleuze (1990) apontou alguns elementos que diferenciavam uma sociedade disciplinar da sociedade de controle. Deleuze defendeu que as sociedades de controle são moduladas. Se na sociedade disciplinar havia a nítida definição do espaço em locais fechados como hospitais e escolas, presídios, em contrapartida, a sociedade de controle é caracterizada pela interpenetração dos espaços, ou seja, pelos limites nebulosos ou ausentes. A ideia de modulação permite enquadrar os fenômenos de direcionamento do olhar e do visível nas redes sociais. (SILVEIRA, 2020). Vive-se em uma espécie de modulação universal e constante que molda e regula o tecido social.

Na sociedade disciplinar tem-se uma organização vertical e hierárquica das informações. Vale ressaltar que nos dispositivos disciplinares, como aponta Foucault (1988), há uma espécie de polarização entre a transparência dos indivíduos e a

²³ KEEN, 2012, p. 29

opacidade do poder. O poder, devido à sua situação privilegiada, mantém-se, nesse contexto, fora do alcance dos indivíduos que estariam em uma situação de constante observação, sendo, portanto, transparentes aos seus olhos (FOUCAULT, 1998; RHEINGOLD, 2002). Em uma sociedade hiperconectada como a atual, a antiga dicotomia opacidade-transparência não é mais uma realidade dentro das redes.

Como aponta Deleuze (1990), os anéis da serpente são mais complexos e os sujeitos passam a ter também acesso aos dispositivos de vigilância. (BARRETO; RIOS, 2012).

O poder hoje seria cada vez mais ilocalizável, porque disseminado entre os nós das redes. Sua ação não seria mais vertical, como anteriormente, mas horizontal e impessoal. É verdade que a verticalidade sempre esteve associada à imagem de alguém: é o ícone que preenche o lugar do poder. Mas em uma sociedade inteiramente axiomatizada, as instâncias de poder estão dissolvidas por entre os indivíduos, o poder não tem mais uma cara (COSTA, 2004, p. 162).

Como apontam Barretos e Rios (2012), há um movimento duplo: a internet potencializa a propagação dos dispositivos de controle ao mesmo

tempo em que transforma os usuários em fontes de poder e sujeitos ativos nos processos de vigilância. É garantida aos usuários “a participação individual e coletiva no exercício da vigilância ou mesmo de alguma forma de punição”²⁴.

Dentro desse contexto, a cultura do cancelamento pode ser entendida como a prática de constante vigilância e punição em termos de verificação da inteira aderência a causas sociais partindo de um ponto de vista único – aquele determinado por um expressivo grupo como o correto.

Se a sociedade disciplinar de Foucault fazia os indivíduos introjetarem as normas e regras de comportamento, e com isso, tornavam-se mais produtivos, o excesso de transparência e vigilância nas redes sociais tem provocado nos usuários o medo similar da punição, visto que o cancelamento pode tomar grandes proporções. O medo do cancelamento está posto e os indivíduos, então, passam a evitar conversas, moldam suas atitudes de modo a seguir um comportamento específico — o aceito. Como apontou Deleuze, seria a

²⁴ BARRETOS; RIOS, 2012, p. 9.

modulação de comportamentos e condutas refletindo nas relações sociais. Cria-se um ambiente propício à autocensura, o que pode acarretar em impactos negativos para uma sociedade democrática e plural.

Não há, contudo, um entendimento de que a cultura do cancelamento é algo a ser condenado. No entanto, é necessário discutir sobre os impactos que tal comportamento social pode provocar. Há uma concordância de que discurso discriminatório deve ser combatido, no entanto, como foi dito anteriormente, os alvos dos cancelamentos são pessoas, em geral, situadas no campo progressista. Nesse sentido, é interessante resgatar o pensamento de Audre Lord, “negra, lésbica, mãe, guerreira, poeta”, como se autodefinia, quando afirmava que não se deve apenas tolerar a diferença, mas entendê-la como geradora de “polaridades necessárias entre as quais nossa criatividade pode faiscar como uma dialética”.²⁵

²⁵ LORDE, Audre. *As Ferramentas do Mestre Nunca Vão Desmantelar a Casa Grande*. In: *Second Sex Conference, The Personal and the Political Panel*, New York, 1979. Disponível em: https://www.academia.edu/11277332/LORDE_Audre__As_ferramentas_do_mestre_nunca

BBB, reality show e cancelamentos

Durante três meses o *BBB* se fez presente em diversos debates, entre os quais ganhou destaque a discussão sobre a cultura do cancelamento. Na edição de 2021, o *Big Brother Brasil* repetiu a fórmula do ano anterior²⁶ e confinou junto a pessoas anônimas alguns indivíduos famosos. Isso foi possível porque os *reality shows* não têm estrutura fixa. A Endemol, indústria holandesa de *branded entertainment*, exporta os princípios de diversos programas com esse formato. O *Big Brother*, sua principal marca, foi franqueado a emissoras de televisão em diversos países, sendo a Rede Globo a detentora dos direitos do programa no Brasil. O canal tem acesso ao nome da marca e a três ideias-base: confinamento, vigilância e eliminação. Todo o resto é elaborado localmente,

v%C3%A3o_desmantelar_a_casa-grande. Acesso em: 20 set. 2020

²⁶ A edição de 2020 trouxe metade do elenco composto por artistas e influenciadores. Seus milhões de seguidores ajudaram a colocar o *BBB* nos holofotes como há muito não se via. Foi a edição mais assistida dos últimos dez anos (2010-2020). Vale destacar que a edição de 2019 foi a menos assistida na história do programa e a inserção de celebridades mudou o cenário.

de acordo com o gosto do freguês (VIANA, 2015, p. 87).

Contando com oito cotas de patrocínio²⁷, comercializadas por valores entre R\$ 18 e 78 milhões cada, grandes picos de audiência e enorme repercussão nas redes sociais, o *Big Brother Brasil 21* foi um grande sucesso devido, dentre outros fatores, à seleção dos competidores. Enquanto na edição de 2020 o tema macro do programa foi o machismo, o *BBB 21* foi marcado pelo debate racial, visto que foi o maior elenco negro da história do *reality* — dos vinte selecionados, nove se autodeclararam negros. Havia também entre os participantes aqueles com história de militância e alguns com perfil da *lacrção* — conceito entendido aqui como aquele com vontade de querer atacar todos, como algo necessário à dinâmica das redes. Como definido anteriormente, trata-se do perfil de quem tem enunciação enfática e definitiva que objetiva silenciar o outro. A escolha dos

²⁷ Em 2021 houve três tipos de cotas de patrocínio oferecidas pela Rede Globo para anunciantes que desejavam participar do chamado "Big dos bigs": a *big* (R\$ 78 milhões), a *anjo* (R\$ 59 milhões) e as *especiais* (R\$ 18 milhões). No ano passado, a cota máxima era menor, de R\$ 46 milhões. Em 2019, R\$ 37 milhões e em 2018, R\$ 34 milhões.

confinados determina a agenda do programa²⁸.

A Globo tem produzido diversos conteúdos abordando questões raciais, gênero e orientação sexual, pois compreende o alto valor de mercado inerente a essas pautas atualmente. Não à toa, a emissora tem inserido discussões sobre feminismo, racismo e LGBTfobia dentro de novelas, de programas de entrevista, de variedades, entre outros. Como aponta Viana (2015), trata-se de uma empresa capitalista que, como tal, tem por finalidade o lucro — todo o resto é meio, é resto (VIANA, 2015, p.19). Das idiosincrasias às neuroses, converte-se tudo em lucro para a emissora (VIANA, 2015, p. 20).

Big Brother é o programa exibido no Brasil mais bem-sucedido na categoria programa de TV, dentro da subcategoria *reality show*. Segundo o *Painel Nacional de TV do Kantar*²⁹

²⁸ BATISTA JUNIOR, JOÃO. A escolha de quem participa do *Big Brother Brasil* não é casual. Desta vez, o programa reuniu um elenco customizado para causar . Debate por encomenda. *Revista Piauí*, 18 de fev. de 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/debate-por-encomenda/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

²⁹ MOURA, Julia. BBB 21 vira vitrine para marcas mesmo não pagando investimento milionário das empresas. *Folha de Pernambuco*, 03 de mai. de 2021. Disponível

Ibope, que projeta a audiência em âmbito nacional baseado nas 15 regiões metropolitanas de maior consumo do país, com 93 dias de exibição, o *BBB 21* teve alcance médio diário de 39,8 milhões de pessoas. Segundo Viana, para além dos números acumulados pela franquia, o *Big Brother Brasil* "toma as cidades como um espectro: sem saber como, sabemos nomes e acontecimentos, o programa toma o ar e sufoca. É onipresente (VIANA, 2015, p. 14).

De acordo com levantamento³⁰ produzido pela consultoria de dados Arquimedes a pedido da Revista Piauí, o *BBB 21* foi o assunto mais falado no Brasil, a despeito da repercussão da crise provocada pela Covid-19, com a marca de 251.661 mil mortos no país (até 25 de fevereiro de 2021). No primeiro mês do programa, o termo "*Big Brother Brasil*" obteve 77 milhões de menções no Twitter.

Passados mais de 20 anos de programa, o que justifica tamanha repercussão? Para Marília Pereira

em: <https://www.folhape.com.br/cultura/bbb-21-vira-vitrine-para-marcas-mesmo-nao-pagando-investimento/182143/>. Acesso em: 14 mai 2021.

³⁰ Dados disponíveis em: <https://piaui.folha.uol.com.br/sutil-arte-de-ligar-o-bbb/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

Bueno Millan³¹, um elemento importante para essa análise é que, diferentemente do que ocorre nas novelas, o público participa ativamente do programa, pois cabe ao telespectador escolher quem sai da casa. O público consegue obter voz, ser ativo, participar efetivamente e ser ouvido durante os meses de duração do programa.

Segundo Viana (2015), a estrutura do *reality show* é de grande importância³² e merece atenção. O *Big*

³¹ Marília Pereira Bueno Millan, psicóloga especialista em psicanálise, professora e pesquisadora, participou do *Programa Le Monde Diplomatique #33*, cujo tema foi *Reality shows: por que eles têm tanta audiência?*. O programa traz alguns pontos sobre reality shows a fim de responder o motivo do tamanho interesse do público por esse tipo de programa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tiEt8_eZYi8&t=1271s. Acesso em: 14 mai. 2021.

³² Silvia Viana (2015) defende que *reality shows* são vistos como exceção, mas, na verdade, são regra. Esse tipo de programa segue a mesma dinâmica vista no mundo do trabalho contemporâneo. As pessoas precisam provar diariamente que precisam e devem manter-se no emprego. O trabalho se converte em uma avaliação permanente. Por isso, é dito constantemente frases como: "jamais se acomode, se recicle, seja resiliente, etc.". Criam-se inúmeros mecanismos para as pessoas se digladiarem umas contra as outras, tomando-as como inimigas. "Os programas têm a mesma forma que a vida produtiva sob o neoliberalismo: sua organização é a empresa capitalista contemporânea, sua estrutura é de gestão de trabalho flexível; a voz de comando que ecoa de ambos os lados da tela é uma só e há um mesmo padrão de respostas, de ambos os lados da tela" (VIANA, 2015, p. 33).

Brother Brasil é um jogo de aniquilação. Parte-se da ideia de que não há vaga para todos, ou seja, trata-se de uma seleção. E é essa a prerrogativa, essa regra, que cria o campo de sobrevivência que permeia tudo o que ocorre dentro da casa. Os confinados precisam eliminar os outros para garantirem a sobrevivência, posto que a presença do outro significa imediata e objetivamente a sua eliminação. O imperativo é a luta até a morte para sobreviver. Boninho, o diretor do programa, aponta para essa estrutura ao dizer que:

Big Brother não é cultura, não é um programa que propõe debates. É um jogo cruel, em que o público decide quem sai. Ele dá o poder de o cara que está em casa ir matando pessoas, cortando cabeças. Não é um jogo de quem ganha. Para o cara de casa, é um jogo de quem você elimina³³.

Para sobreviver, o confinado precisa provar diariamente que precisa (ou merece) estar dentro da casa. Dessa forma, o único erro é não jogar. Como aponta Viana, "aparecer é se movimentar" (2015, p. 99).

A participação é a pedra fundamental do espetáculo. Mais que a aceitação passiva desse princípio nem um pouco subjacente, o programa conquista o engajamento ativo, frequentemente maníaco, nessa engrenagem de fazer sofrer. (VIANA, 2015, p. 14)

Trata-se de um jogo no qual cada jogador escolhe suas armas e "elimina" o outro para não ser "eliminados". Se um jogador pouco se movimenta (como uma "planta", no jargão dos fãs do programa), pouco se posiciona e "se acomoda", ele torna-se um alvo certo, já que deveria estar lá para lutar e vencer a qualquer custo. E se muitos jogadores adotam essa estratégia, o programa esfria, provoca menos engajamento e, claro, lucra menos.

A resposta ao período do tédio é o aumento da voltagem do choque. A finalidade preponderante de todos os deslocamentos e surpresas é manter os participantes, bem como a audiência, em estado de sobressalto (VIANA, 2015, p. 79).

Vale destacar o importante papel da edição no controle da voltagem do programa. É por meio dela que se cria uma narrativa com heróis e vilões. Na edição, adicionam-

³³ José Bonifácio Brasil de Oliveira, o Boninho, entrevistado por Andréa Michael, em "*Big Brother não é cultura, é um jogo cruel*", diz Boninho, *Folha de S. Paulo*, 21 mar. 2010.

se cargas emocionais, papéis e funções. E nada disso é secreto.

Nem mesmo a produção se empenha em ocultar a narrativa que elabora em torno dos participantes. Para a criação de sua historieta, o programa conta com a já famosa edição, com direito a *flashbacks*, costurando tramas e tramoias, *close-ups*, que intensificam o sentimento que se busca transmitir (VIANA, 2015, p. 33).

Cabe ao telespectador indicar se a narrativa criada teve ou não sucesso. Dessa forma, quanto mais se comenta sobre um *reality*, maior será seu êxito. É importante destacar também que há mecanismos rápidos de quantificação de engajamento nas redes sociais: *likes*, *views*, *shares*, *trending topics*, entre outros. A edição do programa seguirá a narrativa que tiver mais capacidade de engajamento do seu público. Neste ano, o *Big Brother Brasil* contou uma história cuja principal vilã foi Karol Conká.

Meu cancelamento é com k

Karol Conká, rapper, cantora, compositora, atriz e apresentadora, foi uma das convidadas de forma direta por parte da produção para fazer parte do programa. Assim como algumas celebridades que integravam a casa, o

seu objetivo principal no programa não era o prêmio final em si, mas a potencialização da sua carreira em função da sua alta visibilidade³⁴. Conká entrou no *BBB 21* com 1,5 milhão de seguidores no Instagram e passou a ter 1,8 mi durante o programa, mas saiu de lá com 1,2 mi. Isso porque ao longo do *reality* Karol entrou na lista dos cancelados no Brasil.

Dentre as principais razões que motivaram seu cancelamento nas redes estão: ter impedido Lucas Penteado de sentar-se à mesa durante a sua presença no almoço; ter mentido sobre o participante Acrebiano estar interessado no dinheiro dela; ter acordado Carla Diaz com gritos e apontando o dedo no seu rosto e ter feito graça com o sotaque da paraibana Juliette, vencedora da edição. Vale ressaltar que essas foram as situações provocadas por Conká que mais geraram indignação nas redes sociais, mas não foram somente essas que foram questionadas pelo telespectador..

³⁴ Durante o confinamento, a rapper aponta para a importância da participação do programa como algo extraordinário: "Quando a gente vai viver uma experiência dessa na vida?"

Karol tornou-se alvo de muitas críticas nas redes sociais, indo de pessoas comuns a celebridades e amigos rappers.³⁵ O ódio à sua figura tomou tamanha proporção que em 10 de fevereiro de 2021, a mãe e o filho³⁶ da artista registraram um Boletim de Ocorrência³⁷ após terem recebido brutais ameaças via rede social. Nessa mesma edição do programa, a esposa do participante Projota também revelou³⁸ que recebeu ameaças de

morte direcionadas à sua filha. É importante apontar a transcendência do linchamento virtual para a ameaça na vida real.

Em 23 de fevereiro, Conká foi eliminada do *BBB 21* com recorde de rejeição (99,17% dos votos). Segundo dados prévios do Kantar Media Ibope, neste dia, o programa teve pico de 38 pontos de audiência na Grande São Paulo, equivalentes a 2,9 milhões de domicílios ligados no programa. No Rio, o indicador chegou a 40 pontos — uma audiência enorme e há muito não vista pelo reality.³⁹

No dia de sua eliminação, a Globo inseriu um longo intervalo comercial logo após sua saída da casa e muito se especulou sobre essa pausa inesperada, imaginando que teria sido aproveitada para uma rápida conversa com a participante para minimizar os estragos à sua imagem. Errado: a Globo optou por abrir um

³⁵ O rapper Emicida, por exemplo, usou sua conta no Twitter para se expressar sobre Karol Conká. A mensagem dizia "Meu Deus Karol" acompanhada de vários emojis representando rostos tristes. EMICIDA. Twitter post. 01 fev. 2021. Disponível em: <https://twitter.com/emicida/status/1356387176917925890>. Acesso em: 14 maio 2021.

³⁶ O filho de Conká publicou no perfil de sua mãe no Instagram o seguinte texto: "Eu não tenho nada a ver com o que acontece dentro ou fora daquela casa. As pessoas viraram reféns de vidas que não são delas, e começaram a incitar ódio à pessoas aleatórias. Se coloquem no meu lugar, imaginem se fosse alguém te ameaçando e xingando a sua mãe. Zero empatia, rapaziada. A única coisa que peço é empatia da parte de todos". Disponível em:

<https://revistaquem.globo.com/Entretenimento/BBB/noticia/2021/02/filho-de-karol-conka-desabafa-sobre-ataques-se-coloquem-no-meu-lugar.html>. Acesso em: 03 jun. 2021.

³⁷ Disponível em: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2021/02/depois-do-tombo-qual-e-o-impacto-do-bbb-21-na-carreira-de-karol-conka-14745005.html>. Acesso em: 03 jun. 2021.

³⁸ Em uma postagem no Instagram, a esposa de Projota divulgou uma ameaça que recebeu pela rede social, com a mensagem "vagabunda

racista fdp escrota do caralho. Vou tacar fogo em vc sua puta racista. Branca escrota RACISTA do caralho. Vou te matar sua branca escrota RACISTA. Que sua filha morra, sua puta racista". Disponível em: https://www.instagram.com/p/CLA1_MEINPB/. Acesso em: 03 jun. 2021.

³⁹ Dados disponíveis em: <https://www.b9.com.br/139470/rede-globo-tem-audiencia-de-copa-do-mundo-com-eliminacao-de-karol-conka/> Acesso em: 03 jun. 2021.

terceiro intervalo em razão da alta demanda de anunciantes que buscavam o espaço de ouro na publicidade. A eliminação de Karol Conká no BBB 21 rendeu a maior audiência do programa nos últimos dez anos.⁴⁰

É importante destacar que na história do reality, Karol Conká não foi a primeira a adotar o comportamento que, *a priori*, motivou seu cancelamento. Claro, se o objetivo do programa é aniquilar o outro para sobreviver, é de se esperar que os participantes discriminem, ataquem e excluam seus concorrentes. Viana aponta que "pessoas se debatendo é a imagem plasmada daquilo a que assistimos em todos esses programas"⁴¹. Não há nada de inédito nas mensagens ditas pela rapper. O telespectador assiste a esse tipo de conteúdo há anos. Por isso, defende-se, aqui, que para analisar este caso é necessário olhar para além do que foi dito, mas por quem e para quem as mensagens foram elaboradas.

⁴⁰ Dados disponíveis em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/fefito/2021/02/24/bbb-21-eliminacao-de-karol-conka-rende-maior-audiencia-em-uma-decada.htm> Acesso em: 03 jun. 2021.

⁴¹ VIANA, 2015, p. 99.

Karol Conká coloca-se dentro do campo progressista, posiciona-se como aliada à luta das minorias e como defensora da luta feminista e antirracista. Dessa forma, é esperado que ela tenha inteira aderência a causas sociais, pressupondo um comportamento único, sem qualquer chance de "vacilo, ao deslize e a tudo o que faz de nós sujeitos dividido", como aponta Dunker⁴². Por essa razão, assistir à artista ocupando o lugar de quem discrimina ou ataca um homem negro e uma mulher nordestina⁴³ foi fator decisivo para *emparedá-la*. Ou melhor: cancelá-la.

Sobre a imensa⁴⁴ repercussão do caso, para além da facilidade do

⁴² Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/consciencia-ostentacao/#page4>. Acesso em: 14 maio 2021.

⁴³ Conká foi acusada de preconceito com Juliette, de Campina Grande (PB). Em um diálogo durante o programa, a rapper se diferencia de Juliette ao dizer "É, eu tenho muita educação. Eu tenho meu jeito brincalhão, mas reparem que eu não invado, não desrespeito, não falo nem pegando nas pessoas. Eu sou de Curitiba, tenho muita educação para falar com as pessoas."

⁴⁴ Segundo levantamento realizado pela Arquimedes, até 25 de fevereiro de 2021, Karol Conká obteve 7 milhões de menções no Twitter. Disponível em: [https://piaui.folha.uol.com.br/sutil-arte-de-ligar-o-bbb/#:~:text=S%C3%B3%20o%20participante%20Gilberto%20alcan%C3%A7ou,\(4%2C5%20milh%C3%B5es\)](https://piaui.folha.uol.com.br/sutil-arte-de-ligar-o-bbb/#:~:text=S%C3%B3%20o%20participante%20Gilberto%20alcan%C3%A7ou,(4%2C5%20milh%C3%B5es).). Acesso em: 16 maio 2021.

processo de cancelamento provocado pelas redes sociais, é importante apontar que diante de uma situação como essa, todos os internautas são convocados a se posicionar. É papel dos usuários comentar se estão do lado do cancelado ou contra ele e é necessário tomar partido. E se a posição escolhida for o cancelamento, pouco importa o nível do ataque, uma vez que as redes sociais criam zonas de proteção nas quais é possível atacar sem necessariamente ser responsabilizado⁴⁵. O anonimato nas redes sociais é compreendido como forma de encorajar o usuário a se colocar em uma posição da qual é capaz de falar e fazer, em forma de postagem, aquilo o que entender sem temer por resposta.

Durante a série documental *A Vida Depois do Tombo*⁴⁶, criada após a

saída de Karol do programa e na qual é mostrado o modo como estava lidando com seu cancelamento, o produtor da artista foi questionado por ela por ter deixado de fazer publicações nas redes sociais oficiais da cantora como havia sido combinado. Ele imediatamente respondeu que a escolha de deixar de publicar foi tomada porque, mediante uma publicação qualquer que fazia, as pessoas que seguiam Conká nas redes sociais passavam a deixar de segui-la quando eram impactadas pela postagem. Os posts geraram perda de seguidores porque as pessoas lembravam que estavam conectadas com a artista e isso significava, simbolicamente, ser contrário ao seu cancelamento.

É de suma importância entender o cancelamento da Karol como desdobramento de um princípio que já está posto no *Big Brother Brasil*, que é a eliminação. Um participante só sai da casa mediante a ação do

⁴⁵ Alguns autores apontam para o fenômeno chamado "Teoria da Imunidade Social". Segundo o sociólogo Henrique Garbellini, em entrevista para o *UOL TAB*, trata-se de "um fenômeno cultural. Foge-se do contágio evitando relacionar-se. As construções em torno de avatares, a disseminação das redes sociais, são mecanismos de contato sem contágio". Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/consciencia-ostentacao/#cover> Acesso em: 17 mai. 2021.

⁴⁶ Após a saída do *BBB 21*, Karol Conká adotou o silêncio nas redes sociais e somente apareceu publicamente nas entrevistas que estavam estipuladas no contrato com a

emissora. Uma equipe da Globo acompanhou a rapper após sua eliminação e contou durante a série *A Vida Depois do Tombo* os passos de Conká para se restabelecer após seu cancelamento. Durante quatro episódios, a rapper fala de sua infância, de seu pai alcoólatra e do racismo que sofreu em Curitiba.

telespectador de eliminar quem está "no paredão" — essa é a dinâmica do programa. No caso da Karol Conká foi possível perceber um desdobramento desse princípio de forma muito mais organizada e volumosa nas redes sociais com uma diferença fundamental: no programa, o público apenas vota; no cancelamento, o público pode executar. Dispensa-se o papel da produção do programa como mediador. O papel da eliminação passa a ser do público. Viana (2015) aponta⁴⁷ que, neste sentido, não há diferença em termos do princípio, mas sim a democratização da perversão e da barbárie.

Deste modo, a transformação de Karol Conká em uma espécie de morta-viva foi gerada como punição por seu comportamento ou por uma necessidade contínua de mostrar-se moralmente mais digno do que ela já que, segundo Dunker⁴⁸, o cancelador

extraí gozo ao culpar o outro e se sentir um pouco mais limpo.

Por fim, ficam algumas questões para o debate. Apesar da imagem negativa com a qual a rapper saiu do *BBB 21*, é importante trazer à tona o aumento da notoriedade que recebeu. O prêmio que o programa dá não é apenas monetário, mas também em forma de visibilidade. Dessa forma, vale destacar que desde o início de sua carreira, o nome dela nunca foi tão pesquisado⁴⁹ como ocorreu entre 31 de janeiro e 27 de fevereiro de 2021. Ela ganhou uma série na Globoplay com quatro episódios e conseguiu 200 mil novos seguidores no Instagram⁵⁰. E, como dito anteriormente, quem mais venceu foi a Rede Globo, que obteve alto lucro em função do cancelamento de Karol Conká.

Como colocado no início deste artigo, a intenção deste trabalho não é discutir se Karol Conká estava certa ou errada ou se devia ter sido ou não cancelada, mas debater sobre o

⁴⁷ Durante debate online *BBB e os Rituais de Sofrimento* promovido pela TV Fórum. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bXM3u_x-TNo Acesso em: 14 maio 2021.

⁴⁸ Christian Dunker, em entrevista ao UOL TAB. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/consciencia-ostentacao/#cover> Acesso em: 17 maio 2021.

⁴⁹ Segundo dados coletados no Google Trends. Busca pelo termo Karol+Conká, local: Brasil

⁵⁰ Em 16/05/2021 o perfil @karolconka conta com 1,7 milhões de seguidores no Instagram. Antes de sua participação no programa, a cantora tinha 1,5 milhões.

impacto do cancelamento como método de luta e de sociabilidade..

Criar e fortalecer um ambiente pouco tolerante para as diferenças pode resultar, em longo prazo, em uma grande homogeneização do campo progressista provocada pelo medo da retaliação. Entendendo aqui que não há uma defesa pela queda das nossas diferenças, tampouco a negação do conflito. Em concordância com Silvio Almeida⁵¹ (2020), afirma-se que há situações, ideias e pessoas que devem ser combatidas.

Não nego o conflito, o enfrentamento e a crítica contundente. Há situações, pessoas e ideias que devem ser combatidas com extremo vigor. Considero um dever moral o uso da força contra o fascismo quando necessário. Com igual vigor, devemos tratar quem apoia racismo, sexismo e extermínio de pobres. (ALMEIDA, 2020, s/p).

No entanto, destaca-se a compreensão da importância da criação de uma comunidade diversa e democrática para avanços sociais. “A comunidade não deve significar uma queda de nossas diferenças, nem a

pretensão patética de que essas diferenças não existem” (LORDE, 1979, s/p), mas a compreensão de que uma sociedade plural é essencial para a democracia.

Considerações finais

Frente à análise do impacto e repercussão do cancelamento sofrido por Karol Conká após sua participação no Big Brother Brasil, pode-se perceber que a cultura do cancelamento como fenômeno tem suas especificidades quando comparada ao simples ato de julgar, dada a velocidade de propagação das informações provocadas pelas redes sociais, bem como o excesso de transparência e vigilância.

As redes sociais tornaram-se ambientes favoráveis para a prática do cancelamento, a partir de dois aspectos importantes, a saber: a visibilidade necessária para as celebridades agregarem valor à suas imagens como produto; e a possibilidade que tais plataformas dão ao usuário de interagir, opinar, julgar e cancelar tais *influenciadores digitais*.

No primeiro caso, vê-se uma necessidade de produção constante de conteúdos para gerar engajamento

⁵¹ ALMEIDA, Silvio. *A cultura do “cancelamento” é a antipolítica por excelência*. Disparada. s/p, 21 de fev. de 2020. Disponível em: <https://disparada.com.br/cancelamento-antipolitica/>. Acesso em: 17 maio 2021.

e a participação das celebridades em discussões dos mais diversos temas que estão em debate. Para manter o engajamento nas plataformas, é preciso produzir conteúdo constantemente, independente de dominar ou não determinado assunto.

No segundo aspecto, pessoas que defendem bandeiras ligadas às pautas identitárias, como gênero, raça e LGBTQI+, possuem com as redes sociais a oportunidade de punir aqueles que "ferem" suas lutas. É possível, a partir do cancelamento, alertar e condenar as celebridades pelos deslizes cometidos.

Neste caso empírico considerado, entende-se que o cancelamento de Conká ocorreu como desdobramento de um pressuposto que estrutura o programa que é a eliminação. Em um programa cujo objetivo é eliminar o outro para sobreviver, os ataques já são esperados, posto que a aniquilação acaba por permear tudo o que acontece dentro da casa.

Tal desdobramento se dá na medida em que, durante o programa, cabe ao internauta apenas o voto para eliminar; enquanto que com a cultura do cancelamento o internauta não

precisa mais do programa como mediador. Ele não precisa mais votar, ele simplesmente cancela, ele elimina.

Mais importante do que defender ou condenar o cancelamento é debater sobre ele em si e seu impacto para o campo democrático. Deste modo, foi discutido o impacto do cancelamento não apenas para quem está no centro do tribunal da internet, mas o risco de se gerar um ambiente muito propício à autocensura e ao julgamento.

Assim sendo, aponta-se o impacto negativo de tal fenômeno quando usado como método de luta na medida em que a consequência direta é a democratização da perversão e da barbárie, além da homogeneização de ideias acarretando numa sociedade cada vez mais padronizada.

Referências bibliográficas

ADAMATTI, M. M. Crítica de cinema e patrulha ideológica: o caso Xica da Silva de Carlos Diegues. *Famecos*, Porto Alegre, v. 23, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: bit.ly/2I07RrZ. Acesso em: 16 out. 2020.

ALMEIDA, S. A cultura do "cancelamento" é a antipolítica por excelência. *Portal Disparada*, [S. l.], s/p, 21 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://portaldisparada.com.br/cultura->

e-ideologia/cancelamento-antipolitica/. Acesso em: 20 out. 2020.

BARRETO, Paulo; RIOS, Riverson. *Vigiar e punir*: a internet e as redes de poder participativo na era da globalização, XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza-CE, 03 a 07/09/2012.

BATISTA JUNIOR, João. A escolha de quem participa do Big Brother Brasil não é casual. Desta vez, o programa reuniu um elenco customizado para causar. Debate por encomenda. *Revista Piauí*, 18 de fev. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/debate-por-encomenda/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

Cancel culture is the Macquarie Dictionary's word of the year for 2019. 2 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/34fkJIF>. Acesso em: 16 out. 2020.

CHENEY-LIPPOLD, J. A new algorithmic identity: Soft biopolitics and the modulation of control. *Theory, Culture & Society*, vol. 28, n. 6, p. 164-181, 2011. doi: 10.1177/0263276411424420

CHIARI, Breno da Silva *et alli*. A cultura do cancelamento, seus efeitos sociais negativos e injustiças. In: Encontro de Iniciação Científica do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. Anais. Presidente Prudente, v. 16, n. 16, s/p, 2020.

COLLAGUAZO-NARVÁEZ, Flor. ¿Qué tipo de activismo se realiza en la red social Facebook?. 2017.

COSTA R. Sociedade de controle. *São Paulo Perspec*, n. 18, p. 161-167, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Micropolítica e segmentaridade. In: *Mil Platôs* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Editora 34, 2004. P. 83-115.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34; 1992.

DUNKER, Christian. Quem tem medo do cancelamento? *Gama Revista*, [S. l.], p. 01, 26 jul. 2020. Disponível em: <https://gamarevista.com.br/semana/ta-com-medo/o-medo-da-cultura-do-cancelamento/>. Acesso em: 16 out. 2020.

EMICIDA. Principia. Sony Music Entertainment Brasil Ltda. sob licença exclusiva de Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kjggv0xM8Q&ab_channel=Emicida. Acesso em: 16 out. 2020.

EMICIDA. Twitter post. 01 fev. 2021. Disponível em: <https://twitter.com/emicida/status/1356387176917925890>. Acesso em: 16 out. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1997.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

ILHEU, Tais. Tema de redação: como funciona a cultura do cancelamento.

Guia do Estudante, [S. l.], p. 01, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/redacao/tema-de-redacao-como-funciona-a-cultura-do-cancelamento/>. Acesso em: 16 out. 2020.

KEEN, A. *Vertigem digital*: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando? Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LAZZARATO, M. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. Reality shows: por quê eles têm tanta audiência? - Programa Le Monde Diplomatique #33. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tiEt8_eZYi8. Acesso em: 14 mai. 2021.

LORDE, Audre. As ferramentas do mestre nunca vão desmantelar a casa grande. In: Second Sex Conference, The Personal and the Political Panel, New York, 1979. Disponível em: https://www.academia.edu/11277332/LORDE_Audre_As_ferramentas_do_mestre_nunca_v%C3%A3o_desmantelar_a_casa-grande. Acesso em: 20 set. 2020.

MAIS VOCÊ. Twitter post. 24 fev. 2021. Disponível em: <https://twitter.com/MaisVoce/status/1364573754228146184>

MELLO, Patrícia Campos. Introdução. In: *A máquina do ódio*: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MELLO, Patrícia Campos. Por que os brasileiros deveriam ter medo do gabinete do ódio. NY Times, [S. l.], s/p, 4 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2020/08/04/opinion/international-world/bolsonaro-gabinete-do-odio.html>.

4/opinion/international-world/bolsonaro-gabinete-do-odio.html. Acesso em: 15 mai. 2021.

MOURA, Julia. BBB 21 vira vitrine para marcas mesmo não pagando investimento milionário das empresas. *Folha de Pernambuco*, 03 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/bbb-21-vira-vitrine-para-marcas-mesmo-nao-pagando-investimento/182143/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

RHEINGOLD, H. *Smart Mobs*. The Next Social Revolution. Cambridge, MA: Perseus, 2002.

RODA Viva | Emicida | 27/07/2020. [S. l.: s. n.], [2020]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pDV3SGzV3m4&ab_channel=RodaViva. Acesso em: 16 out. 2020.

ROSS, Loretta. I'm a Black Feminist. I Think Call-Out Culture Is Toxic. *The New York Times*, [S. l.], p. 01, 17 ago. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/08/17/opinion/sunday/cancel-culture-call-out.html>. Acesso em: 16 out. 2020.

SCHWARCZ, Lilia. Filme de Beyoncé erra ao glamorizar negritude com estampa de oncinha. *Folha de S. Paulo*, [S. l.], p. 01, 2 ago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/filme-de-beyonce-erra-ao-glamorizar-negritude-com-estampa-de-oncinha.shtml>. Acesso em: 16 out. 2020.

SIBILIA, Paula. *O show do eu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Discursos sobre regulação e governança algorítmica. *Revista Estudos de Sociologia*, v. 25, n. 48, 2020.

THE GREAT Hack. Direção de Karim Amer e Jehane Noujaim. Filme original Netflix. 2019 (154 min). Acesso em: 24 jul. 2020.

TV BOITEMPO. Silvia Viana apresenta RITUAIS DE SOFRIMENTO. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gXn8ARNrtjY>. Acesso em: 03 jun. 2021.

VIANA, Silvia. *Rituais de sofrimento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

WORD of the Year. 2019. Disponível em: <https://www.macquariedictionary.com.au/resources/view/word/of/the/year/>. Acesso em: 16 out. 2020.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda (org.). *Tecnopolíticas da vigilância – perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.